

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

**CICLO, CRISE E A ECONOMIA BRASILEIRA: DO PROBLEMA DA
REPRODUÇÃO À PRIMAZIA PELA ACOMODAÇÃO**

MOREIRA, Marcelo Jose¹

Resumo:

Desde os anos de 1960, o processo de acumulação “sustentado” pelo capital especulativo parasitário, mostra que a economia global se encontra imersa em uma inércia generalizada, com lenta acumulação, baixo investimento, limitadas taxas de crescimento, mas com elevado nível de lucro, e que se dá por uma intensa pressão sobre os níveis das desigualdades existentes. O estudo de Kalecki (1977b) sobre os problemas econômicos do desenvolvimento nos países capitalistas subdesenvolvidos, nos remete ao problema do aumento considerável e recorrente do investimento. A dinâmica econômica brasileira de desenvolvimento se viu revestida (MOREIRA, 2018): 1. por uma trajetória de atividades industriais que se desindustrializam de forma insistente, desde os anos de 1980; 2. por um avanço contínuo das atividades agroeconômicas em um processo de primarização da pauta exportadora; e, 3. por um mercado de trabalho estruturado à precarização das condições e relações de trabalho. O objetivo deste trabalho é expressar o mecanismo-resposta da dinâmica da economia brasileira como um movimento de (i)mobilidade intencional, que se configura numa estrutura de acomodação, firmada em amplo e ofensivo recrudescimento das condições socioeconômicas de parcela significativa da população brasileira.

Palavras-chave: Economia Brasileira. Ciclo. Acomodação.

1. Desdobramentos em elementos teóricos e de contextualização espaço-temporal recente.

As características próprias às economias subdesenvolvidas-dependentes, a saber: 1. heterogeneidade estrutural, concentração de renda e de riqueza; 2. dependência externa tecnológica, financeira, econômica e política; e, 3. baixa capacidade de absorção, oferta ilimitada de mão-de-obra e transferência de valor - como elementos fundamentais para fazer saltar aos olhos a superexploração da força de trabalho (MARINI, 2000)-; tornam-se propriedades acentuadas e dinamizadas pelas condições postas pelo processo de

¹ Doutor em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pelo IE-UFRJ, Docente da UEG e Pesquisador Colaborador do CEsa/ISEG-ULisboa, marcelo.moreira@ueg.br.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

acumulação global vigente. Assim, "o subdesenvolvimento viria a ser a forma da exceção permanente do sistema capitalista na sua periferia" (OLIVEIRA, 2003, p.131).

Esta “forma de exceção permanente” garante (e afirma): a- a inevitabilidade da expansão do capital para a sua reprodução em escala interplanetária; e, b- a “compressão espaço-tempo” (HARVEY, 2005), que hoje se intensifica, por meio de mecanismos tecnológico-informacionais que possibilitam a aceleração do tempo de rotação do capital, reduzindo o tempo dos fluxos de “suprimentos” e de investimentos, em suas respectivas redes/cadeias globais.

Em tempo, o estudo de Kalecki (1977b) sobre os problemas econômicos do desenvolvimento nos países capitalistas subdesenvolvidos, bem como suas limitações de ordem política, nos remeteu a outro de ordem mais densa e que mostra a complexidade que o termo subdesenvolvimento abarca, pois que ao enveredar por possíveis soluções (teóricas) ao problema econômico da “deficiência da capacidade produtiva” do subdesenvolvimento, o autor apresenta outro (e crucial): “o aumento considerável do investimento”. Este problema, por sua vez, aponta para três obstáculos diretamente relacionados à operacionalidade da aceleração (requerida) do investimento e que envolve a interação de esforços entre as forças produtivas e os governos dos países subdesenvolvidos: a definição e o alcance da taxa desejada de investimento, a deficiência de recursos físicos para produzir (mais) bens de investimento e o suprimento adequado de bens essenciais de consumo frente ao aumento de demanda como desdobramento da expansão do emprego.

O que nos remete ao problema da demanda efetiva. Nos diz Kalecki (1977a, p. 8):

“Que Marx estava profundamente consciente do impacto da demanda efetiva sobre a dinâmica do sistema capitalista pode-se ver claramente no seguinte trecho do terceiro volume de O Capital: ‘As condições da exploração direta e as condições da realização da mais-valia não são idênticas. Elas estão separadas não apenas pelo tempo e espaço mas também logicamente. As primeiras estão limitadas meramente pela capacidade produtiva da sociedade, e as segundas pelas proporções dos diversos ramos de produção e pelo poder de consumo da sociedade. Marx, contudo, não investigou sistematicamente o processo descrito por seus esquemas de reprodução, do ponto de vista das contradições inerentes ao capitalismo resultantes do problema da demanda efetiva.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Foi um de seus mais proeminentes seguidores, Rosa de Luxemburgo, quem expressou concepções muito claras e mesmo extremas do assunto: ela rejeitou inteiramente a possibilidade de reprodução ampliada a longo prazo se não houvesse ‘mercados externos’².

Como desdobramento destas questões de cunho econômico, Kalecki (1977b) cita os obstáculos políticos que estão relacionados à operatividade do sistema capitalista subdesenvolvido, no que se refere ao problema da reprodução e em termos de

“intervenção do governo na esfera do investimento objetivando assegurar seu volume e estrutura planejados, a superação das barreiras institucionais ao rápido desenvolvimento da agricultura e a tributação adequada aos ricos e abastados” (p. 139).

Entretanto, o autor sacramenta: “o firme mas equilibrado desenvolvimento do tipo esboçado [acima] dificilmente é encontrado na prática” (p. 140). Isso porque, para Kalecki, o crucial elemento que torna evidente (e simples, como cita) a diferença entre desenvolvimento e subdesenvolvimento é o fato de que, para os países que se encontram neste processo último, “os recursos têm de ser construídos, e isso requer profundas reformas que implicam mudanças revolucionárias” (p. 140).

Como desdobramento deste movimento de criação de condições materiais para a sua expansão sociometabólica, o desenvolvimento capitalista global gera estruturas híbridas, organicamente dependentes das transformações que ocorrem no centro dinâmico do processo de acumulação. Em síntese, imbricados, desenvolvimento, subdesenvolvimento e dependência se referem à “acumulação subordinada à lógica de um sistema de incentivos materiais” (Furtado, 1978, p. 64).

Esta lógica de subordinação pôde ser especificada pela “estrutura da dependência” (Dos Santos, 2011) e, mais recentemente, pela noção de padrão de reprodução (Marini, 2012; Osório, 2012). Esses autores, tendo como base os “Esquemas de Reprodução” de Marx, revisados em Kalecki (1977) e Luxemburgo (1988), caracterizaram esta lógica de reprodução subordinada, em se tratando de América Latina, da seguinte forma:

² Por “mercados externos”, Rosa de Luxemburgo entendia os que estavam fora da dinâmica do sistema capitalista mundial: os países subdesenvolvidos e os setores não capitalistas das economias capitalistas desenvolvidas, como a agricultura camponesa e as compras do governo.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Estrutura da Dependência	Padrão de Reprodução
1. Dependência colonial (exportação comercial <i>in natura</i>)	1. Padrão Agromineiro Exportador
2. Dependência financeiro-industrial	2. Padrão Industrial e suas subfases:
3. Dependência tecnólogo-industrial	2.1 Etapa Internalizada
	2.2 Etapa Industrial Diversificada
	3. Novo Padrão Exportador de Especialização Produtiva

Elaboração do autor.

A partir destes elementos centrais, identifica-se que a dinâmica econômica brasileira de desenvolvimento concentrador de renda e de riqueza se viu revestida: 1. por uma trajetória de atividades industriais, sem se configurar um processo de industrialização propriamente dito (como afirmava, para a América Latina, Marini (2000)), que se desindustrializam (precocemente (RICUPERO, 2007), nocivamente (CANO, 2014) ou prematuramente (BRESSER-PEREIRA; NASSIF; FEIJÓ, 2016)) de forma insistente desde os anos de 1980; 2. por um avanço contínuo das atividades agroeconômicas (metamorfoseando o capital ali gerado e tornando complexa a própria noção de atividades agrícolas), em um processo de primarização da pauta exportadora que se expande e se afirma como uma espécie de *modo perpétuo*; e, 3. por um mercado de trabalho estruturado à precarização das condições e relações de trabalho e à reprodução de desigualdades.

Tais elementos, constituídos (em) e constitutivos (de) um processo de dependência externa estrutural, funcional para o desenvolvimento das forças produtivas internas com a intensificação de sua relação de dependência com a economia mundial, se dá em uma franca relação de interdependência, pois o que se verifica é

(...) uma rede intensamente complexa e contraditória de “dependências recíprocas” em escala global, com problemas e demandas multiplicadores e intensificadores em cada área em particular, que atualmente estão muito além do controle de qualquer “centro” singular, não importa quão poderoso e avançado seja. (MÉSZÁROS, 2009, p. 87).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Imerso nesta “rede intensamente complexa e contraditória de ‘dependências recíprocas’ em escala global”, esse revestimento estrutural brasileiro expressa: 1. a intencionalidade da dependência externa para a dinâmica de acumulação interna, integrando-a e tornando as atividades econômicas interdependentes, de tal forma que se torna extremamente limitada qualquer alteração significativa da cadeia produtiva, pois ela está firmada numa dependência historicamente constituída e intencionalmente mantida, nos termos de uma economia sistêmica intensamente integrada e especializada espacialmente que, sob o choque do novo coronavírus³, sente as contradições dessa espacialização especializada (firma-se, o fundamento do problema da reprodução em escala global, na forma da dependência externa integrada); e, 2. portanto, a imersão da economia brasileira em um tipo de mecanismo-resposta interno que delinea uma trajetória de avanços (ou recuos) político-institucionais, como que em um movimento pendular, não alterando de forma significativa o processo de reprodução material concentrador e gerador de desigualdades sociais.

2. Do problema da reprodução à primazia pela acomodação brasileira

Este mecanismo-resposta descreve a dependência brasileira no processo de reprodução sistêmica e se apresenta como o modus operandi da economia nacional: se firma como um processo histórico que, na aparência, vincula-se a períodos de crescimento, depressão ou recessão, como ajustamentos de crises cíclicas internas. Como fundamento, expõe os tensionamentos externos que se impõem como contradições acumuladas da reprodução sistêmica e se firma como uma resposta - a partir de tensionamentos internos econômicos, políticos e institucionais -, criada para acomodar

³ O choque do novo coronavírus expôs uma crise sanitária-econômica-civilizatória, ao tornar explícita a falência do processo globalizante como ideologia e como processo civilizatório, firmado nas estruturas de produção e consumo voláteis e de financialização mundializada do capital, sob os desígnios do domínio do capital especulativo parasitário sobre o capital substantivo. A crise da pandemia da COVID-19, nesses termos, se torna a aparência dos efeitos do avanço da civilização industrial com sua dinâmica ofensiva de reprodução da vida material forjada em explorar, à exaustão, os recursos naturais que se firma em uma intensa crise ecológica, acentua a dinâmica da acumulação centrada nas finanças globais, tornando intensamente recrudescidas as condições de reprodução cultural, econômica, intelectual, política e social das populações pobres, trabalhadoras, produtoras familiares e camponesas, ribeirinhas e dos povos tradicionais.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

tais contradições que, ao extrapolarem as crises cíclicas, se constituem (constituíram) em uma crise sistêmica e estrutural.

Decisões internas, de ordem política, econômica e institucional, se enraízam em uma primazia pela acomodação (percebendo-a, como conduz Aristóteles, uma não ausência de movimento⁴), frente às imprevisíveis possibilidades que se abrem ao serem realizados movimentos destoantes do padrão adquirido ao longo de sua trajetória no desenvolvimento capitalista mundial. A estrutura interna se firma em um acúmulo de respostas aos estímulos externos e, numa relação de contraposições e tensionamentos internos, também se firma em uma relativa autonomia na condução de seus reais problemas socioeconômicos e de construção de correlações de forças com intencionalidades diversas, caracterizando uma dependência subordinada.

Denominamos este mecanismo-resposta de acomodatismo, em observação à obra de Feyerabend (2011),

Ora, como nos seria possível examinar algo que estamos utilizando o tempo todo? Como poderemos analisar, para revelar seus pressupostos, os termos em que habitualmente expressamos nossas observações mais simples e diretas? (...) Necessitamos de um padrão externo de crítica, necessitamos de um conjunto de pressupostos alternativos (...) Temos de inventar um novo sistema conceitual que suspenda os resultados de observação mais cuidadosamente estabelecidos ou entre em conflito com eles, conteste os princípios teóricos mais plausíveis e introduza percepções que não possam fazer parte do mundo perceptual existente. (FEYERABEND, 2011, p. 46)

Trata-se de um movimento de interação-adaptativa entre a capacidade reprodutivo-acumulativa da economia brasileira e os incitamentos da dinâmica capitalista sistêmica, que suscitam manifestações de ordem político-econômica-institucionais internas (intensas ou não), mas que não altera, substancialmente, sua correlação de forças com

⁴ “Diz-se que uma coisa é “imóvel” (akíneton), a) quando é inteiramente impossível de ser movido (como o som, que é invisível); b) quando é movido com dificuldade depois de um longo tempo ou seu movimento começa devagar, caso em que dizemos que é difícil mover-se; c) quando para a natureza é feita para ser movida e pode ser, mas não está em movimento quando, onde e como deveria ser naturalmente; apenas este último tipo de imobilidade eu chamo de “estar em repouso” (êremeîn), uma vez que o “Repouso” (êremía) é o oposto de movimento e, portanto, a privação de movimento naquilo que pode receber movimento.” (ARISTÓTELES, s/d, p. 178-179). A aproximação com o que chamo de acomodatismo (ou a primazia pela acomodação da economia brasileira) é o que está exposto na letra “c”.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

nações partícipes da “dependência recíproca” da qual faz parte: cria uma estrutura de acomodação que atinge, direta e principalmente, as condições de reprodução material da população brasileira.

A estrutura da acomodação da economia brasileira (Figura 1) expressa uma primazia pela acomodação, por parte de correlações de forças políticas e econômicas internas, em um processo contraditório de contrarresposta e de adaptação que enseja o acirramento das (e a criação de) limitações estruturais aos movimentos do ciclo econômico interno e de sua capacidade de se reproduzir com alguma capacidade interna de dinamismo e controle por meio de instrumentos de política econômica, por exemplo, próprios, tensionando e recrudescendo a própria reprodução da força de trabalho.

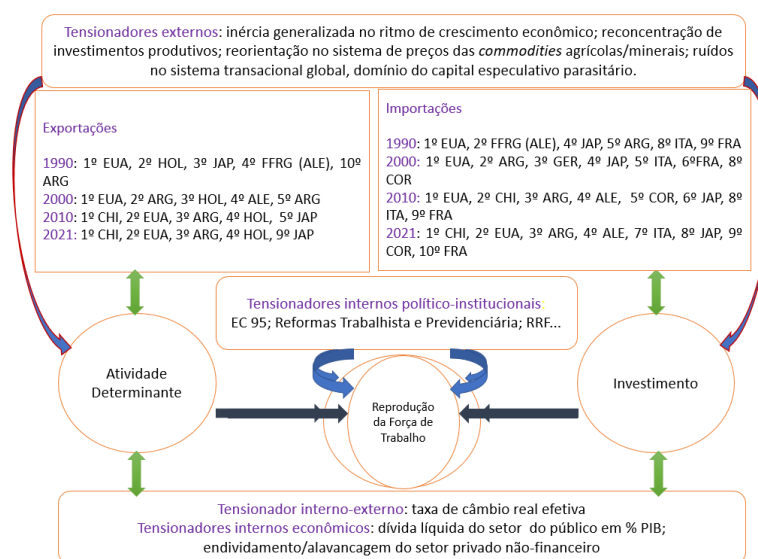


Figura 1 – Estrutura da Acomodação Brasileira

Observação: As informações sobre Exportações e Importações são do sistema Comtrade-UN/Top-10 exports and imports of goods: <https://comtrade.un.org/>. As siglas referem-se: USA – United States of America, NET – Netherlands, FFRG – Frm. Federation Republic of Germany, GER – Germany, ARG – Argentina, CHI – China, ITA – Italy, FRA – France, KOR - Republic of Korea.

Esta estrutura de acomodação, baseada em uma dinâmica interna de transferência de valor para fora, necessita, a todo tempo, de mecanismos institucionais que submetam a sua principal fonte geradora de valor à situações de pressão e de perdas de condições

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

materiais e intelectuais de realização de sua capacidade produtiva (os tensionadores internos político-institucionais da Figura 1). Daí a compressão da esfera “Reprodução da Força de Trabalho” (tornando-a mais estreita, conforme ilustrado na Figura 1).

Quanto mais tensionadas as esferas “Atividade Determinante (Exportações e Importações)” e “Investimento”, pelos tensionadores externos, caracterizados pelas recomposições dos capitais, acirramentos de disputas imperialistas e reordamentos institucionais globais e, ainda, pontuados pelas crises ecológica e sanitária-econômica-civilizatória, mais se intensificam os tensionadores internos mencionados na Figura 1.

Ou seja, os tensionadores externos se firmam diretamente na Atividade Determinante (Exportações e Importações) e nos Investimentos; indiretamente se constituem nos tensionadores interno-externo⁵ e internos econômicos, que, por dentro, pressionam estas duas esferas que, para manter o movimento contraditório e denso de acomodação das tensões em seu conjunto, forçam a criação dos tensionadores político-institucionais, como elementos de sustentação às alterações necessárias para a manutenção desta estrutura no processo de ajustamento dinâmico sistêmico. Como desdobramento, o recrudescimento das condições socioeconômicas, culturais/intelectuais e políticas das trabalhadoras e dos trabalhadores brasileiros (e os porvir).

Estes elementos estão postos no tempo-essência do subdesenvolvimento-dependente brasileiro e se movimentam, à medida que a conjuntura do ciclo econômico global se movimenta, porém, sem alterar as características centrais: a dinâmica de uma economia agroexportadora com intensos avanços científicos e tecnológicos que aumentam sua produtividade e capacidade de interação com os mercados financeiros e de capitais⁶ e uma limitada capacidade de aumentar a taxa de investimento em relação ao

⁵ O tensionador interno-externo se refere aos elementos específicos da política cambial e monetária no Brasil, que remetem à estrutura de formação dos preços internos. Exemplo recente é a inflação dos alimentos e dos combustíveis, ambos pressionados pelas recorrentes variações do dólar, em grande medida, e pela alta procura externa, no caso dos alimentos. Obtusamente, recentemente, o Banco Central do Brasil iniciou uma escalada de alta das taxas de juros, buscando conter uma alta de preços que se vê ajustada por elementos externos à economia nacional, portanto, aos que se constituem como tensionadores externos.

⁶ Estudo realizado (em 2018) pela FIAN *International*, Rede Social de Justiça e Direitos Humanos e Comissão Pastoral da Terra (CPT), mostrou que a apropriação e a especulação de terras na região do MATOPIBA (acrônimo usado para denominar uma região que ocupa partes dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), continuaram mesmo após o *boom* das commodities e da queda dos preços entre

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

PIB. O Gráfico 1, a seguir, mostra o processo de acomodação da economia brasileira sob esta perspectiva. As acomodações conjunturais internas expressam melhores condições adaptativas em determinados períodos, a partir de estímulos externos, ao tempo que tensionam alterações de ordem político-institucional, para garantir com que as correlações de forças possam garantir a condução do processo adaptativo.

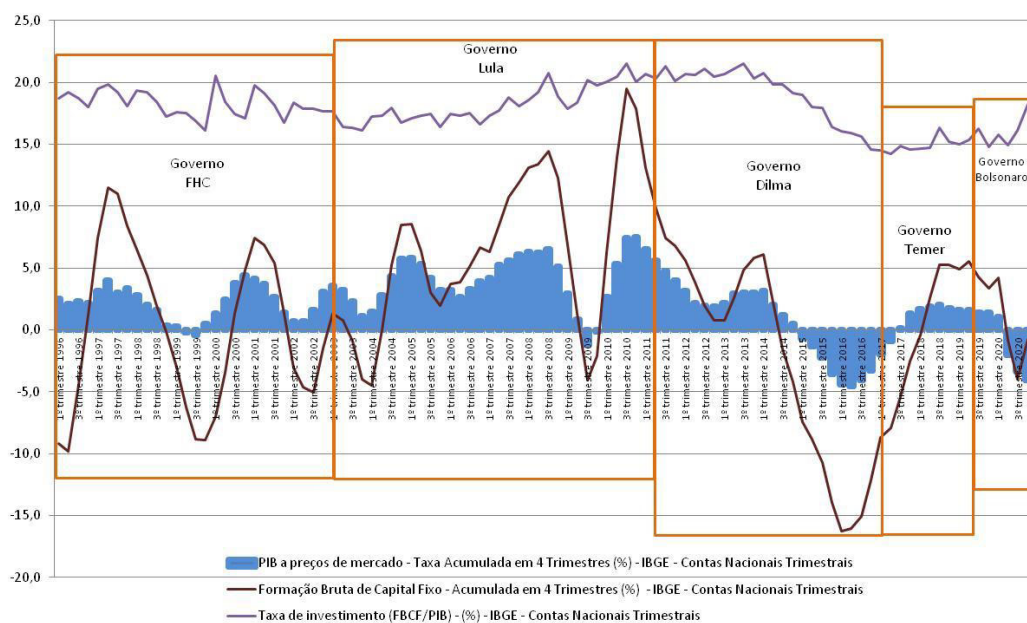


Gráfico 1 – Brasil - Trajetória de variáveis selecionadas - 1996 a 2020

Fonte: SCN-IBGE
Elaboração do autor.

A primazia pela acomodação da economia brasileira se expressa na desestruturação de sua capacidade estatal de se fazer valer de uma autonomia relativa e distribuir os esforços coletivos da reprodução dependente à manutenção desta primazia em seus níveis históricos de acomodação salarial (em níveis que não se descolam do salário mínimo), de

os anos 2007 e 2008. O aumento dos preços das terras estimulou a apropriação e expropriação de camponeses, a destruição do Cerrado e, sendo mais lucrativa do que a própria produção agropecuária, houve a aproximação e o envolvimento com fundos de pensão internacionais. Exemplo é o TIAA (Associação de Seguros e Pensões de Professores), um fundo de pensão que administra contas de 5 milhões de professores e profissionais de serviços sociais dos Estados Unidos; 43% de suas terras estão no Brasil: 36% delas no MATOPIBA e 45% em São Paulo, com propriedades agrícolas nos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

capacidade de investimentos (com trajetória média de 18% a.a.) e de transações externas a partir da atividade determinante (que no caso das exportações, são mantidas pelos complexos de carne, soja e minérios, com parceiros e pautas permanentes). Ainda, a recente acomodação da economia brasileira se expressa pela perda relativa, não significativa, de sua capacidade produtiva, por uma deterioração de seu mercado de trabalho e por um desempenho do setor externo que subordina a dinâmica de formação de preços internos, em especial, os preços dos alimentos⁷. Mantém-se o revestimento que cobre o subdesenvolvimento-dependente aprofundando os mecanismos da exploração (como nos lembra, Marini (2000)).

Considerações Finais.

Tal movimento histórico de imobilidade intencional, que se configura numa estrutura de acomodação que reflete o processo de dependência, e de interdependência sistêmica que daí se expressa, se firma em amplo e ofensivo recrudescimento das condições socioeconômicas, culturais e intelectuais de parcela significativa da população brasileira. E expressa, como confirmação histórica, que

na verdade, só podemos entender o que está ocorrendo nos países subdesenvolvidos quando percebemos que se desenvolvem dentro do esquema de um processo de produção e reprodução dependente (...) Ao reproduzir esse sistema produtivo e essas relações internacionais, o desenvolvimento do capitalismo dependente reproduz os fatores que o impedem de alcançar uma situação vantajosa nacional e internacionalmente, e, assim, reproduz o atraso, a miséria e a marginalização social em seu território. O desenvolvimento que ele produz beneficia setores muito restritos [e] enfrenta implacáveis obstáculos internos ao crescimento econômico constante (com referência aos mercados interno e externo). (SANTOS, 2011, p. 16)

⁷ Esta afirmação se deve aos resultados iniciais do projeto de pesquisa “Dialética do acomodatismo brasileiro: estudo do aprofundamento da subordinação e seus efeitos sobre o emprego da força de trabalho nas últimas três décadas”, inserido no Macroprojeto “Estruturas de Acomodação em Perspectiva Comparada: um estudo sobre as interações-adaptativas de países em tempos de reestruturação econômica sistêmica”, realizada na Universidade Estadual de Goiás. Nesta etapa da pesquisa, foi criado um indicador (o IA-Br) que visa sintetizar a capacidade de acomodação da economia brasileira aos estímulos/impactos de choques externos (e internos, como os tensionadores), a partir de determinadas dimensões, que expressam as Condições de Acomodação.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Neste ensaio aponte os elementos iniciais que se constituem naquilo que considero como o processo de acomodação interna da economia brasileira aos movimentos da economia capitalista global. A esse processo de primazia pela acomodação, destes movimentos gerais, denominei acomodatismo, numa aproximação ao que Aristóteles nos indica “estar em repouso”: uma economia que se desenvolve no tempo-essência de seu subdesenvolvimento-dependente, expressamente subordinado e, portanto, intencionalmente levado a uma espécie de imobilidade, pois que não se move como poderia se mover.

No momento crítico e ameaçador por que passa a estrutura reprodutiva-acumulativa brasileira, ao que remeto como o problema central a ser enfrentado por sua coletividade (e suas instituições), o esgarçamento de seu tecido social, urge a efervescência de densidade nacional, numa clara expressão de coesão social, que: 1. vise superar o mecanismo-resposta, aqui apontado, e que expressa as condições reais de (inter)dependência [sistêmica] e subordinada; 2. aponte para um padrão de reprodução que, além de não esgarçar o tecido social existente, em primeiro momento, altere-o substantivamente em seguida e o sustente nos marcos de uma sociedade humanamente viável (no sentido do ser, e não da coisa a que o ser foi submetido a ser por este processo “sociometabólico autodestrutivo”), socialmente habitável e ecologicamente responsável-mais-que-possível, superando a reprodução social capitalista; e, 3. deflagre expressa ofensiva coletiva socialista à real e efetiva ameaça que o governo de Jair Bolsonaro representa à classe trabalhadora brasileira.

Referências

- ARISTÓTELES, **Física**. Livro V, Las tres clases de movimiento. El reposo, s/d.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos; NASSIF, André; FEIJÓ, Carmem. **A reconstrução da indústria brasileira**: a conexão entre o regime macroeconômico e a política industrial. *Revista de Economia Política* 36(3): 493-513, 2016.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

CANO, Wilson. **(Des)Industrialização e (Sub)Desenvolvimento**. Texto para Discussão 244, setembro. Campinas: IE/Unicamp, 2014.

FIAN International. **Os custos ambientais e humanos no negócio de terras: o caso do MATOPIBA**, Brasil. FIAN *International*, Rede Social de Justiça e Direitos Humanos e Comissão Pastoral da Terra (CPT), jun. 2018.

FURTADO, Celso. **Criatividade e dependência na civilização industrial**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

KALECKI, Michal. Selected essays on the dynamics of the capitalist economy – 1933-1970. Cambridge: University Press. Part III, 1971.

KALECKI, Michal. **A diferença entre os problemas econômicos cruciais das economias capitalistas desenvolvidas e subdesenvolvidas**. In: Crescimento e ciclo das economias capitalistas. Organização de Miglioli, Jorge. São Paulo: Hucitec, Parte V, 1977a.

KALECKI, Michal. **As equações marxistas de reprodução e a economia moderna**. In: Crescimento e ciclo das economias capitalistas. Organização de Miglioli, Jorge. São Paulo: Hucitec, Parte I, 1977b.

LUXEMBURG, Rosa. **Acumulação de capital**. São Paulo: Nova Cultural, v. I e II, 1988.

MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da dependência**/Uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini, 2000.

MARINI, Ruy Mauro. **O ciclo do capital na economia dependente**. In: FERREIRA, Carla, OSORIO, Jaime e LUCE, Mathias (orgs). Padrão de reprodução do capital. São Paulo: Boitempo, 2012.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

MOREIRA, Marcelo Jose. **The Brazilian Economy in an Accommodative Perspective: An essay on the deepening of dependency**. Instituto Superior de Economia e Gestão – CEsA/CSG Working Papers nº 170, Lisboa, DOI: 10.4005/16300. <https://ideas.repec.org/p/cav/cavwpp/wp170.html>, 2018.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à Razão Dualista** – O ornitorrinco. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

OSÓRIO, Jaime. **Padrão de reprodução do capital**: uma proposta teórica. In: FERREIRA, Carla, OSORIO, Jaime e LUCE, Mathias (Orgs). Padrão de reprodução do capital. São Paulo: Boitempo, 2012.

RICUPERO, Rubens. **Vivemos uma industrialização precoce**. IHU On line – Revista do Instituto Humanitas Unisinos edição 218, maio. 2007. Disponível em: www.unisinos.br/ihu. Acesso em 21 jun.2007.

SANTOS, Theotônio dos. **A estrutura da dependência**. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política. 40 anos da teoria da dependência. São Paulo, n. 30, 5-18, 2011.